

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO- DELMIRO GOUVEIA
CURSO DE LETRAS- LÍNGUA PORTUGUESA

Thiago da Silva Lima

A “autorrecusa” em cena no espaço digital: Processo de (in)significação do corpo preto no vídeo “como um preto pode ficar rico no Brasil”

Delmiro Gouveia

2021

Thiago da Silva Lima

A “autorrecusa” em cena no espaço digital: Processo de (in)significação do corpo preto no vídeo “como um preto pode ficar rico no Brasil”

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora do curso de Letras- Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, como requisito final para obtenção do título de licenciado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Pro^a. Dr^a. Débora Raquel Hettwer Massmann

Delmiro Gouveia

2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRB-4/2209

L732a Lima, Thiago da Silva

A “autorrecusa” em cena no espaço digital: processo de (in)significação do corpo preto no vídeo “como um preto pode ficar rico no Brasil” / Thiago da Silva Lima. – 2021.

49 f. : il.

Orientação: Débora Raquel Hettwer Massmann.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2021.

1. Análise do discurso. 2. Espaço digital. 3. Efeitos de sentido. 4. Corpos pretos. 5. YouTube. I. Massmann, Débora Raquel Hettwer. II. Título.

CDU: 81'322.5

FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

THIAGO DA SILVA LIMA
UFAL - Campus do Sertão

DATA DE AVALIAÇÃO: 28/09/2021

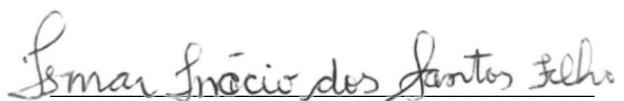
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Débora Massmann
(Orientadora - UFAL)



Prof. Dr. Helson Flávio da Silva Sobrinho
(Examinador Interno - UFAL)



Prof. Dr. Ismar Inácio Santos Filho
(Examinador Interno – UFAL)

Delmiro Gouveia, 28 de setembro de 2021.

Dedico este trabalho a minha mãe Verônica Souza e a meu pai José Ferreira por acreditarem no poder transformador da educação em minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me fazer vencer as batalhas que me trouxeram até aqui, pois sem seu auxílio e proteção essa vitória coletiva não seria possível. Agradeço, também, a meus pais Verônica Souza e José Ferreira que sempre me apoiam em minhas decisões e se dedicaram ao máximo para fazer seu único filho entrar no ensino superior. A graduação não seria possível se não fosse o apoio dessa minha grande família de três pessoas. Obrigado, pai e mãe.

Meu imenso agradecimento a professora Débora Massmann que por meio de sua sensibilidade humana e dedicação à produção científica me fez enxergar a real potência da Análise de Discurso enquanto uma teoria que, constantemente, nos provoca a olhar para os discursos de forma crítica para compreender os processos de significação possibilitados pela linguagem em diferentes condições de produção. Agradeço, também, ao professor Samuel Barbosa e a professora Aline Santos que cultivaram em mim o interesse pela pesquisa em Análise de Discurso por meio de suas aulas.

Agradeço a minhas amigas (apelidadas carinhosamente de “cobras”) Mayza Gomes, Larissa Hermínio, Lesley Carla e Waléria Tavares que transformaram as responsabilidades e o peso da graduação em momentos suportáveis por meio das brincadeiras e do compartilhamento de saberes. A Maicon Cerqueira, Júlio César, Ernando Nunes, Eric Teixeira e Tatiana Weber, colegas do grupo de estudos Discurso, Sentido e Sociedade (DISENSO) pelas trocas de saberes e as conversas cativantes sobre o mundo e sobre a vida acadêmica.

Agradeço ao Professor Ismar Inácio que, por meio das discussões no GELASAL, me fez enxergar o mundo, a língua e a prática docente de forma crítica e responsiva. A Hugo Pedro, Jéssica Cavalcanti, Rafael Gonçalves e Evellyn Ferreira pela troca de saberes sobre o Nordeste, Sertão e Semiárido e por tornarem a pesquisa acadêmica um momento muito especial em minha vida por meio da troca de experiências de leitura e saberes.

A Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, que me possibilitou viver uma experiência extraordinária e que me permitiu conquistar a minha formação superior. A todos os professores e professora do Campus do Sertão que, por meio de suas aulas, me ensinaram a questionar a vida e a pensar criticamente o ensino de língua portuguesa e o ambiente da sala de aula. Mas que também me mostraram que o curso de Letras é mais que gramática normativa.

Agradeço a professora Cristian Salles que em uma de suas aulas olhou para mim no canto da sala e, de forma poética e potente, me impulsionou por meio de palavras de resistência.

A todos os meus familiares que, de forma direta ou indireta, torcem por mim e me inspiram a continuar por meio de seus exemplos de bravura. Agradeço a meu falecido bisavó, Luiz Valério, por ter deixado a sua história de vida registrada em diários para que hoje eu pudesse conhecer suas lutas por meio poesias e letras de música. Agradeço a meu pequeno anjo João Paulo Souza Barbosa que até em seu último suspiro me ensinou que não podemos nos entregar as dificuldades da vida e devemos resistir até o último suspiro.

A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história.

Chimamanda Ngozi Adichie

RESUMO

O corpo preto no Brasil passa a ser significado por meio de condições de produção que produzem equívocos sobre sua existência e aspectos relativos à sua cultura e estilo, por exemplo. Nessa perspectiva, o presente trabalho visa analisar o processo de (in) significação de corpos pretos no/pelo espaço digital, que provoca diferentes formas de significação dos sujeitos individuados por instituições outras, segundo Dias (2018), a partir do vídeo “como um preto pode ficar rico no Brasil”, veiculado no canal do YouTube *thiagofonseca*. Para executar esse gesto analítico, recorreremos aos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso, formulada por Michel Pêcheux e Eni Orlandi, que trabalha com o discurso como objeto teórico de estudo em intrínseca relação com questões sócio-históricas, ideológicas e políticas visando compreender diferentes processos de significação por meio da linguagem, de acordo com Orlandi (1984; 2017). Para isso dialogamos com Orlandi (2006; 2007; 2008), Pêcheux (2014), Moreira (2019), Kilomba (2019), Almeida (2018), dentre outros/as. Mediante esse aporte teórico, nos debruçamos sobre o material analisado e interrogamos os usos de recursos visuais e os dizeres do sujeito como uma forma de questionar o apagamento de traços subjetivos de si e de seu público para se ajustar ao lugar social da riqueza. Compreendemos que esse apagamento de aspectos subjetivos participa de um jogo discursivo de manutenção dos ideais do colonizador e apagamento de formas de vida dissidentes. Assim, buscamos des-superficializar a falsa consciência de verdade que interpela os corpos pretos no digital e verificar os sentidos em performance.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Corpo; Espaço digital.

ABSTRACT

The black body in Brazil becomes meaning through production conditions that produce misunderstandings about its existence and aspects related to its culture and style, for example. In this perspective, the present work aims to analyze the process of (in) meaning of black bodies in/through the digital space, which provokes different forms of meaning of subjects individuated by other institutions, according to Dias (2018), from the video “as a black can get rich in Brazil”, aired on the YouTube channel thiagofonseca. To perform this analytical gesture, we resorted to the theoretical-methodological assumptions of Discourse Analysis, formulated by Michel Pêcheux and Eni Orlandi, which works with discourse as a theoretical object of study in an intrinsic relationship with socio-historical, ideological and political issues in order to understand different meaning processes through language, according to Orlandi (1984; 2017). For this, we dialogued with Orlandi (2006; 2007; 2008), Pêcheux (2014), Moreira (2019), Kilomba (2019), Almeida (2018), among others. Through this theoretical contribution, we focus on the analyzed material and question the uses of visual resources and the subject's sayings as a way of questioning the erasure of subjective traits of themselves and their audience in order to adjust to the social place of wealth. We understand that this erasure of subjective aspects participates in a discursive game of maintenance of the colonizer's ideals and erasure of dissident forms of life. Thus, we seek to de-superficialize the false consciousness of truth that challenges black bodies in the digital and verify the meanings in performance.

Keywords: Discourse Analysis; Body; Digital space.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	12
2. TEORIA EM MOVIMENTO: ANÁLISE DE DISCURSO	14
3. SENTIDOS NA/DA HISTÓRIA	18
3.1. Silêncio e sentido	20
3.2. Um corpo (in)significado pelo racismo	25
3.3. Discurso e sujeito: processo de inscrição no espaço digital	28
4. ANÁLISES	32
4.1. Gestos de leitura, interpretação e procedimento teórico-analítico.....	32
4.2. Discurso em análise: o corpo do sujeito atado ao espaço digital	33
4.3. A imagem que A faz de B: o jogo das formações imaginárias	35
4.4. Efeitos de sentido sobre a materialidade do sujeito: corpodiscurso	38
5. CONSIDERAÇÕES	43
6. REFERÊNCIAS	45

1. INTRODUÇÃO

Trabalhar com os sentidos não é tarefa rápida e simples, pois estamos, segundo Orlandi (2008) trabalhando com algo que é desorganizado. Porém, a linguista enfatiza que é o discurso o responsável pela organização dos sentidos, ou seja, diferentes discursos vão “administrar” sentidos de múltiplas formas. A partir dessa compreensão de sentido e de discurso, objetivamos, de forma geral, neste trabalho de conclusão de curso, analisar como os sentidos sobre o corpo preto são “administrados” no discurso produzido no espaço digital por meio de um vídeo intitulado “como um preto pode ficar rico no Brasil”. O vídeo se resume à realização de um tutorial que visa convencer quem assiste de que seu modo de vida e estilo visual não contribuem para que ele alcance o lugar social de sujeito preto rico.

O vídeo, veiculado na plataforma digital YouTube, possui mais de trinta minutos de duração. Nesse período de tempo, observamos um único sujeito que explica direcionar sua fala especificamente para homens pretos, pois pretende ensinar (função de um tutorial) a esse público “escolhido” o passo a passo para se alcançar o lugar social da riqueza sendo preto e brasileiro. Porém, para chegar a tal posição, o sujeito em cena instrui seu público a ir abandonando suas preferências estilísticas, literárias, intelectuais, pois no silêncio que possibilita seu dizer (ORLANDI, 2007) a proposta do tutorial é fazer com que o público apague suas características e passem a se ajustar a um modelo de vida prescrito pela formação discursiva racista, estrutural e colonizante.

O material analítico recai na materialidade digital, que coloca em cena um sujeito preto que pretende “ensinar” o passo a passo para se alcançar o lugar social da riqueza sendo preto no Brasil. Os modos de ensino usados na performance do sujeito no espaço digital se pautam no apagamento de qualquer traço subjetivo seu e de seu público. Esse gesto de abafar traços culturais e estilísticos que podem fazer parte do modo de vida das pessoas que assistem ao vídeo não acontece por acaso, pois, compreendemos a partir de Orlandi (2008) que o discurso não se deixa usar como um instrumento neutro. Nesse sentido, os dizeres e as imagens do sujeito em cena no espaço digital participam de um “jogo” discursivo que retoma dizeres já ditos para (in)significar os corpos pretos e silenciar suas potencialidades ancestrais e afetivas em favor da manutenção do discurso do colonizador que invalida formas de vida dissidentes à cultura europeia.

No interior das imagens e dos dizeres em cena no discurso do vídeo, visamos des-centralizar os sentidos do vídeo por meio de uma compreensão ampla dos atravessamentos ideológicos que possibilitam o sujeito em cena no vídeo mudar o seu estilo de vida para “pertencer” a formação social da riqueza e orientar outras pessoas pretas para que façam o mesmo. Para conseguirmos partir para a des-superficialização do material, bem como orienta Orlandi (2006), recorreremos ao dispositivo teórico da Análise de Discurso proposta por Michel Pêcheux e Eni Orlandi, pois, a partir dessa área dos estudos linguísticos, podemos pensar o atravessamento do discurso por questões históricas, políticas e ideológica que contribuem para o processo de organização dos sentidos. Nessa perspectiva, são noções teóricas como formação discursiva, formação imaginária, condições de produção, memória discursiva/interdiscurso que nos ajuda a compreender o processo de (in)significação dos corpos pretos discursivizados na materialidade digital.

Além disso, é a partir das noções teóricas da Análise de Discurso materialista que mobilizamos nosso dispositivo analítico acerca do *corpus*. É esse dispositivo analítico, enfatiza Orlandi (2015), que possibilita ao analista de Discurso observar o funcionamento das redes de sentido que atravessam dado material analítico. Mediante essa compreensão acerca do dispositivo teórico e analítico da teoria, salientamos que este estudo compreende nosso gesto de leitura e interpretação do material analisado e não um fato indubitável. Outros/as analistas podem lançar diferentes olhares sobre este mesmo material e mobilizar outras noções do dispositivo teórico que possibilitem outras interpretações, outros sentidos, pois, conforme salienta Orlandi (2007, p.11) “o sentido está (sempre) em curso” podendo, assim, ser sempre outro.

Ademais, a partir dos estudos de Dias (2018; 2016; 2021) vamos pensar, também, os modos de significação dos sujeitos na materialidade digital. Segundo a autora, o digital possibilitou novos modos de individuação dos sujeitos, pois o corpo inscrito no espaço digital passa a significar de formas distintas e, conseqüentemente, passa a ser afetado por diferentes instituições. Mas esse novo espaço de significação, de acordo com a linguista, não é isolado em si mesmo, pelo contrário, ele está ligado à exterioridade constitutiva que comporta a linguagem, a ideologia e o político. Portanto, pensar o digital não significa falar do sistema matemático que constrói redes de códigos de funcionamento das máquinas, mas sim, estamos falando de um espaço no qual o sujeito passa a ser significado pela língua(gem), pela história e a ideologia de outros modos.

Mediante os diferentes modos de comportamento do dispositivo teórico da Análise de Discurso frente a múltiplos materiais analíticos é que vamos, neste trabalho, analisar alguns eventos históricos como a invasão dos portugueses ao território brasileiro e o período escravagista, por exemplo, para observar como sentidos que produzem equívocos sobre o sujeito preto foram sendo impregnados no seu corpo por uma formação discursiva racista e estrutural que provoca a ilusão de que para sujeitos pretos está reservado o lugar de inferioridade social e não intelectual. Nesse procedimento histórico-analítico, recorreremos a teóricos/as como Munanga (2004; 2015), Moreira (2019), Almeida (2018), Kilomba (2019), Fanon (2008), por exemplo, para pensar as imagens pejorativas que foram forjadas sobre os corpos pretos como construções sociais que atendem a uma demanda de manutenção de uma sociedade que se pretendia/pretende branca.

Assim, questões como a de raça, racismo, branqueamento e autorrecusa aparecem para corroborar os sentidos equívocos que produzem efeitos de verdade sobre o corpo preto. Nesse sentido, objetivamos compreender as condições amplas de produção dos sentidos pejorativos que constituem a imagem de sujeitos pretos no Brasil; investigar como esses (des)sentidos se realizam no espaço digital por meio dos dizeres e das imagens em cena; analisar o processo de (in)significação de corpos pretos no/pelo digital. Portanto, buscamos compreender os sentidos possíveis para o material analisado por meio do processo, do produto e da história a partir da linguagem em relação as suas condições de produção, bem como orienta Orlandi (1984).

2. TEORIA EM MOVIMENTO: ANÁLISE DE DISCURSO

O contexto de fundação da Análise de Discurso pode ser cronologicamente marcado, de acordo com Malidier (2014), na França da década de 1968-1970. Nesse contexto, pairava sobre o espaço teórico questões voltadas para o estruturalismo filosófico, a ideologia e a leitura de discursos (ORLANDI, 2017). A Análise de Discurso emergiu nesse espaço de disputa teórica da França da década de 1960 como uma resposta às formas de fazer ciência em vigor. Foram os questionamentos suscitados pelo filósofo Michel Pêcheux que proporcionaram as condições de produção da constituição da Análise de Discurso.

Os estudos desse filósofo se encaminharam para repensar o objeto de estudo/científico das ciências sociais. Desde sua primeira publicação na revista *Cahiers por l'analyse* sob o pseudônimo de Thomas Herbert, Pêcheux já tentava criar, de acordo com Henry (2014), uma fissura teórica nas ciências sociais, pois criticava a situação em que essas ciências se encontravam. Pêcheux, por meio de suas críticas, buscava propor às ciências sociais um instrumento científico, pois acreditava que elas possuíam um caráter pré-científico.

A partir da publicação de *A análise automática do discurso*, em 1969, Pêcheux se dedicou a pensar em um instrumento científico que, segundo Henry (2014), não era um objeto empírico, mas sim uma construção que é, conforme Maltidier (2014), apreendida no interior de uma relação com a história. A partir das “aberturas” feitas por Pêcheux na superfície constituinte das ciências sociais ele pôde situar suas reflexões em campos teóricos distintos. Então, a partir de seu contato com a releitura de Marx feita por Louis Althusser, com a reformulação de Freud feita por Jacques Lacan e com o movimento estruturalista Pêcheux encontrou um espaço fértil para situar suas inquietações.

Entretanto, por mais que a Análise de Discurso se constitua numa relação entre diferentes saberes científicos para pensar, por meio da linguística, do marxismo e da psicanálise, a língua, a história e o sujeito como não transparentes, conforme afirma Orlandi (2006), ela não se confunde com essas teorias outras, pois possui seu objeto próprio. Mas também porque a Análise de Discurso não se aglutina ao marxismo, à linguística e à psicanálise ela toca nas margens dessas teorias. Por isso, Orlandi (2002), compreende a Análise de Discurso como uma disciplina de entremeio, pois ocupa vários espaços teóricos simultaneamente por meio de relações contraditórias.

Compreendendo a Análise de Discurso, de acordo com Orlandi (1990), como uma disciplina que não se enquadra no lugar do já-feito, a partir dessa relação de entremeio entre teorias, é que Pêcheux vai constituir o discurso, segundo Henry (2014), como objeto de seu interesse teórico. Objeto com o qual é possível questionar as noções de língua, sujeito e história a fim de romper com obviedades e começar a pensar as formas de funcionamento dessas noções. Dessa maneira, o discurso é tomado por Pêcheux, de acordo com Orlandi (2015, p.20), como “efeito de sentidos entre interlocutores”. E pensar o discurso como efeito de sentidos é situá-lo num espaço em que os sentidos não estão pré-determinados, prontos, imutáveis. Pelo contrário, o discurso é efeito de sentidos porque diferentes sujeitos, filiados a formações

discursivas/ideológicas distintas e afetados pelo interdiscurso vão significar de formas diferentes. Por isso, de acordo com Orlandi (2015), é no discurso que se pode observar a produção dos sentidos por e para sujeitos.

Entretanto, ao assumir o discurso como instrumento/objeto de seus estudos, Pêcheux assume uma perspectiva de língua que escapa à noção trabalhada pelos estruturalistas. Além de ser atravessada pela história e pela ideologia sendo, assim, relacionada as suas condições de produção de funcionamento é, também, segundo Orlandi (2015), a materialidade específica do discurso. A língua, para a Análise de Discurso, não é fechada em si mesma. Conforme orienta Orlandi (2015), a língua é compreendida em uma relação intrínseca com o mundo, os sujeitos e as formas de significação e produção de sentidos.

Mas não é apenas a noção de língua que é atualizada nos estudos do discurso ensejados por Pêcheux. A história, como bem diz Orlandi (2008), não é compreendida como uma sequência linear de acontecimentos marcados cronologicamente, pelo contrário, a história passa a ser ligada a práticas e não ao tempo. Assim, ela se organiza a partir das relações de poder e de sentidos. A partir dessa compreensão de história, Orlandi (2008, p.42) diz que o discurso é histórico “[...]porque se produz em condições determinadas e projeta-se no ‘futuro’, mas também é histórico porque cria tradição, passado e influencia novos acontecimentos”. Nesse viés, todo discurso é atravessado pela história.

Ademais, o sujeito também é uma noção que é ressignificada pela Análise de Discurso. O sujeito, pensado pela teoria materialista do discurso, não é um organismo empírico, mas sim uma “[...]posição sujeito projetada no discurso” (ORLANDI, 2006, p.17). Essa posição sujeito discursiva preside, segundo Orlandi (2006), no jogo das formações imaginárias. Estas, por sua vez, correspondem as imagens que constituem sentidos sobre/de sujeitos. Além disso, o sujeito constituído no escopo das formações imaginárias é atravessado por relações de força e de sentidos. Assim, ao falar em sujeito, em Análise de Discurso, fala-se da imagem projetada no discurso sobre esse sujeito.

A partir dessas e muitas outras contribuições de Pêcheux para a formulação de questões que englobam a Análise de Discurso, é que se constitui uma teoria com espaços porosos. Porosos, pois não se prendem em suas formulações, mas funcionam no discurso e por ser movimento, como confirma Orlandi (2015), o discurso nunca é o mesmo. Mas, há algo que

precisa de grande destaque e que também sustenta a compreensão teórica desta pesquisa. Pêcheux não foi o único sujeito responsável pela formulação de noções que são caras à teoria. A Análise de Discurso, tal como é difundida no Brasil atualmente, só é possível a partir do árduo trabalho de Eni Puccinelli Orlandi.

Foi essa professora universitária que em um período de grande perseguição e censura da história instituiu a Análise de Discurso no Brasil. Orlandi (2017), conta que em uma viagem para a França esteve em contato com estudos comunistas e com a recente publicação pela Dunod de *Análise Automática do Discurso*, de 1969, de Michel Pêcheux. Se em sua saída do Brasil para a França Eni Orlandi já presenciava a instauração de uma ditadura militar, em seu retorno essa ditadura tinha ganhado intensidade. De volta ao Brasil, em 1970, e carregando o texto de Pêcheux consigo, Eni Orlandi se debruçou sobre análises do discurso pedagógico e religioso, pois pensar o discurso político nas condições de produção de uma ditadura não era seguro.

Orlandi (2017) conta de sua satisfação ao encontrar a obra de Pêcheux na livraria Maespero, na França. Esta felicidade se dá por, finalmente, poder situar suas reflexões sobre linguagem em relação com a ideologia, os sentidos e os sujeitos compreendendo, segundo Orlandi (2017, p.17), “[...]a incompletude do sujeito, a falha e a não transparência da linguagem, e, sobretudo, o fato de que o sujeito e o sentido se constituem ao mesmo tempo”. Portanto, é sob condições de um patriotismo radical; perseguição de pensamentos políticos contrários ao governo; religiosidade radical e perseguição epistemológica que “[...]irrompe a análise de discurso em sua sistematicidade” (ORLANDI, 2017, p.19).

De acordo com Baldini e Zoppi-Fontana (2013) os trabalhos de Eni Orlandi não configuram apenas uma divulgação da teoria filiada a Michel Pêcheux, ao contrário, os estudos de Eni Orlandi “[...] constituem um avanço teórico notável” (BALDINI; ZOPPI-FONTANA, 2013, p.5). O estudo de Orlandi (2007) sobre o silêncio como constituinte de linguagem e de sentidos, por exemplo, expandiu as possibilidades de trabalho e de funcionamento do discurso, pois possibilitou pensar o atravessamento do silêncio nas palavras e no discurso mostrando que “o silêncio é garantia do movimento de sentidos. Sempre se diz a partir do silêncio” (ORLANDI, 2007, p.23). Além disso, a Análise de Discurso, no Brasil, se debruça sobre diferentes *corpora*, de acordo com Baldini e Zoppi-Fontana (2013). Para além do político (partidário), pulsante na França da década de 60, no Brasil a natureza de preocupação da Análise

de Discurso é heterogênea, o estudo de Eni Orlandi sobre o silêncio, citado acima, é uma constatação da amplitude que a teoria ganha no Brasil.

Assim, é nesse batimento entre a França e o Brasil, Michel Pêcheux e Eni Orlandi que a Análise de Discurso vai se constituindo, não como uma teoria acabada, pronta, mas, assim como o discurso, uma teoria que está sempre em movimento, produzindo “rachaduras” nas superfícies de questões como a língua, o discurso e o mundo.

3. SENTIDOS NA/DA HISTÓRIA

Os sentidos e os discursos implicam uma relação intrínseca com a história. De acordo com Orlandi (2008) a linguagem é sentido, e a história faz sentido, por isso os sentidos acerca dos corpos estão, grandemente, para uma relação com processos históricos que significam as diferentes formas/posições-sujeito discursivas. São sentidos que retornam constantemente por meio do interdiscurso para afirmar ou refutar dizeres já ditos, porém esquecidos isso porque, conforme Orlandi (2008), falamos com palavras que já têm sentido. Por isso, é necessário pensar a historicidade que atravessa os discursos que nutrem o equívoco dos sentidos do imaginário que significa os corpos de sujeitos pretos, pois pensar essa reflexão é importante para que seja possível compreender a constituição dos sentidos de preto/negro em diferentes formações discursivas.

Nesse viés, por meio das condições amplas de produção do discurso que, de acordo com Orlandi (2006; 2015), compreendem o contexto sócio-histórico e ideológico do discurso, buscamos compreender os processos de significação de “preto/negro” no Brasil por meio de sua relação com a história. Assim, é por meio da memória discursiva que, de acordo com Brandão (2012), possibilita a inscrição do discurso na história, “retomamos” os já ditos que sustentam os dizeres possíveis para pensar, em consonância com Orlandi (2008), os processos de significação dos brasileiros (pretos) a partir do discurso do descobrimento e da (pós-) escravidão.

Apesar de compreendermos a história imbricada a práticas e não ao tempo (ORLANDI, 2008), seguiremos uma lógica temporal, neste momento, partindo do discurso do

descobrimto, para compreender como os sentidos que atravessam os corpos pretos foram sendo organizados em diferentes discursos inscritos em diferentes condições de produção até chegarmos as condições estritas de produção do corpus desta pesquisa.

Dito isso, é o discurso do descobrimto, produzido pelo homem branco, europeu e cristão, que arroga os sentidos de um território que foi “descoberto”, colonizado. Esses sentidos passam a ser, segundo Orlandi (2008), reforçados por uma tríade científica, política e religiosa que contribui para o apagamento/silenciamento dos povos originários do território brasileiro: os indígenas. A presença do europeu branco em terras indígenas demarca a constituição de um Estado que, de acordo com Orlandi (2008), não considera o indígena como componente da cultura brasileira.

Nessa perspectiva, a instauração do europeu e de sua cultura no Brasil modificou os sentidos de todo o espaço e dos sujeitos que nele habita(va)m. Passa-se, a partir de um modelo de sociedade estrangeiro, a se caracterizar o Brasil e os brasileiros por uma premissa branca. Nesse sentido, conforme atesta Orlandi (2008), o europeu constrói os brasileiros como o seu “outro”, porém, um “outro” que não é semelhante a si, por isso é “excluído”. A pesquisadora acrescenta que não é o discurso *do* Brasil que define o brasileiro, mas o discurso *sobre* o Brasil e é o discurso *sobre* que, do lugar do dominante, “[...]organiza, disciplina a memória e a reduz” (ORLANDI, 2008).

Por isso, enxergamos em nós (brasileiros) a imagem, projetada no discurso, de como o Europeu nos enxerga. Assim, é sempre a visão do estrangeiro que define os parâmetros de brasilidade ou não brasilidade, é o discurso *sobre* o Brasil, fruto do etnocentrismo europeu, que arroga os sentidos sobre o território e seus habitantes. A história, como um fato que reclama sentidos, tal como afirma Orlandi (2008), é marcada pelo protagonismo europeu em detrimento ao apagamento de povos que tiveram seu território de moradia violado. Esse apagamento é típico do discurso do estereótipo que, de acordo com Albuquerque Jr. (2011), faz um recorte de um espaço, cultura etc. e generaliza equívocos sobre o espaço ao qual se refere. É esse discurso do estereótipo, por exemplo, que projeta o Brasil como o país do carnaval no discurso estrangeiro.

Esse discurso dominante, forjado a partir dos ideais europeus, propicia uma gama de discursos que apagam toda forma de cultura, fé, prática social que destoe de seus parâmetros.

Por isso, quando chegam ao Brasil e se deparam com um território já colonizado por indígenas, os portugueses começam um processo de pacificação desses sujeitos e de seu território. A pacificação pressupõe, conforme salienta Orlandi (2008), que os indígenas se ajustem aos moldes sociais constitutivos da cultura europeia. A visão etnocêntrica dos europeus sobre os indígenas e seu modo de vida provocou um silenciamento/apagamento da cultura desses povos predominantes no território brasileiro antes da chegada dos portugueses.

Para o estrangeiro, de acordo com Schwarcz (2012), o “novo mundo”, relatado por Pero Vaz de Caminha em suas cartas, era um lugar sem rei, pois não havia uma presença de poder monárquica para governar o povo; sem lei, pois os indígenas não obedeciam a nenhuma regra, ou melhor, não existia nenhuma regra para eles seguirem, nada era proibido; e sem fé, pois, para os invasores, as entidades divinas e os rituais religiosos que aquele povo realizava não condiziam com o cristianismo europeu, por isso, não podiam ser chamados de fé ou religião.

3.1.Silêncio e sentido

Além disso, conforme Orlandi (2008), não foi apenas a presença dos portugueses/europeus que contribuíram para o silenciamento dos povos nativo-brasileiros. Com o avanço do império e da exploração dos recursos naturais do território brasileiro, a mão de obra escrava também entrou em ascensão. Portanto, a presença do negro/a africano/a escravizado/a, trazido/a à força para o Brasil, segundo a autora, também ganhou importância nesse processo de retirada dos indígenas da história da constituição de uma cultura brasileira. E esse processo de apagamento dos indígenas foi se intensificando com as políticas de imigração na tentativa de embranquecimento do país após o período abolicionista.

Entretanto, devido à alta demanda de escravização externa e a predominância de sujeitos pretos/as no território brasileiro, a elite do século XIX, de acordo com Schwarcz (2012) e Azevedo (2004), passou a engendrar formas de apagar o período da escravidão e os sujeitos escravizados da “história” do país. A escravidão no Brasil foi um acontecimento na história do país que forjou sentidos pejorativos sobre os corpos, a cultura e a religião dos sujeitos pretos/as escravizados/as. No imaginário que significa a posição-sujeito preto/a no Brasil é atravessado

de sentidos de um corpo servil, rude. Por isso, a predominância de escravizados na sociedade brasileira do século XIX não satisfazia uma elite que se pretendia monárquica.

Para falar dos sentidos que norteiam os corpos pretos no interior de uma formação discursiva racista, compreendendo a partir de Orlandi (2015) formação discursiva como o espaço discursivo que determina as condições histórico-sociais do dizer e do não-dizer, a ciência do século XIX contribuiu em grande medida para o apagamento do protagonismo negro nas práticas históricas e, também, na determinação dos sentidos pejorativos acerca do corpo preto. Um fator que contribuiu para pensar a clivagem dos corpos e seus lugares sociais foi a teoria racial.

Anterior ao século XIX, o pensamento acerca de raça partia de uma formação discursiva biológica, historicamente determinada que classificava os sujeitos por raça tomando como base características físicas, fenotípicas, conforme destaca Munanga (2004). Porém, por trás desse discurso existe algo que não está à mostra, que está silenciado: a sobreposição e dominação de classes. De acordo com Moreira (2019), raça enquanto uma construção social expressa sentidos que legitimam propósitos de dominação. No século XIX, de acordo com Munanga (2004) vários biólogos e médicos se aprofundaram nessa análise dos fenótipos dos sujeitos para usar essas diferenças como um pressuposto para dizer que os brancos eram superiores aos negros e para criar a hipótese de que pelo fato dos negros terem uma maior concentração de melanina no corpo conseguiriam resistir melhor que os brancos ao calor e, por isso, deveriam trabalhar nas lavouras e plantações.

Schwarcz (2012) salienta que o pressuposto da raça para sustentar as posições sociais dos sujeitos apaga toda forma de exercício da cidadania, pois se limita a enxergar os traços físicos apagando, assim, as subjetividades. Kilomba (2019) salienta que alguns dos sujeitos, homens e mulheres africanos/as, escravizados/as também pertenciam a realeza africana. Porém, por meio de seus traços físicos, eram vistos apenas como “escravos/as”. Assim, o discurso racial é sustentado por sentidos de exclusão e reducionismo baseados em pressupostos fenotípicos e estéticos. É nesse contexto de sucateamento dos corpos pretos que emerge um aglomerado de imagens que pretendem significar a negritude apenas por esse viés. Segundo Moreira (2019, p.29)

A negritude surge a partir da atribuição negativa de características morais a traços fenotípicos das populações africanas. Ela aparece em um momento

histórico no qual a raça se torna um objeto de reflexão, o que produz diversas narrativas científicas, políticas e culturais destinadas a legitimar a exploração econômica de pessoas classificadas como negras

Esse pensamento do século XIX se debruça sobre o imaginário/simbólico e perpetua dizeres que contribuem para a manutenção desse discurso racial que sobrepõe um tipo de sujeito a outro tendo como argumento a diferenciação física entre eles. Por isso, para Munanga (2004), atualmente o conceito de raça se apoia mais num viés ideológico do que biológico. Ao pensar o ideológico presente na noção de raça no Brasil estamos inseridos no campo do simbólico, mas um simbólico com consequências materiais funcionando sob um efeito ilusório, segundo Brandão (2012), que provoca um mascaramento da realidade social.

Além disso, a ideologia é, de acordo com Althusser (1985), a responsável pela interpelação do indivíduo em sujeito, pois, segundo o autor, todo sujeito é ideológico e toda ideologia existe por e para sujeitos. Ademais, pensar a ideologia na perspectiva Althusseriana é, também, conforme aponta Pêcheux (2014), afirmar o seu caráter de evidência. Essa evidência suscitada pela ideologia faz o sujeito perceber a língua(gem), a história, o político etc. como noções óbvias; indubitáveis. De acordo com Orlandi (2017, p.87) “A ideologia, como sabemos, na perspectiva discursiva, é uma prática e esta prática envolve, afeta e faz parte do processo de significação do corpo do sujeito”.

Por isso, na sociedade brasileira do século XIX, a ideologia racista que sustentava discursos pejorativos que limitavam os corpos pretos a espaços de subalternidade, interpelava os sujeitos e os fazia considerar como óbvia essa posição de escravizado imposta ao sujeito preto. Era/é por meio da ideologia (racista) que foi-se naturalizando os papéis sociais de superioridade do corpo branco e de inferioridade do corpo preto. O equívoco produzido pela ideologia sobre os sujeitos pretos perpassa não apenas seu corpo, mas suas práticas sociais. Essa noção de inferioridade do preto/a forjou um imaginário que afirma esse caráter falacioso na esfera da educação, do poder, da riqueza. É essa memória cunhada pela escravidão no Brasil que arroga sentidos que (in)significam as vidas negras.

Porém, essa memória da escravidão que afetava os corpos pretos no Brasil insiste em retornar por meio da paráfrase e do interdiscurso para funcionar como um mecanismo nutrido por discursos de eugenia racial. Segundo Schwarcz (2012) presenciamos com demasiado

protagonismo no Brasil um racismo que se manifesta no silêncio. O racismo silencioso, conforme salienta a autora, se esconde no discurso da universalidade e da igualdade de leis. Ou seja, ao dizer “Todos são iguais perante a lei[...]” (BRASIL, 1988) conforme destacado no artigo 5º da constituição brasileira, por exemplo, o silêncio funciona na universalização da igualdade e no apagamento das subjetividades.

Pois, conforme destaca Orlandi (2007) o silêncio é elemento constitutivo do sentido. Por isso, quando pensamos na igualdade entre todos, caímos no mito da “democracia racial” (CARNEIRO, 2011; FERNANDES, 2008) que exclui as diferenças e naturaliza o preconceito. É por causa desse pensamento que discursos como “não existe racismo no Brasil” são constantemente usados, pois os sujeitos, inscritos numa formação discursiva racista, vão cair no equívoco da igualdade entre todos e, assim, vão apagar as diferenças e negligenciar o preconceito que, diferente do discurso judicial, não é igual para todos.

Compreendemos que o preconceito não afeta diferentes sujeitos da mesma forma, pois, historicamente, como foi discutido anteriormente, alguns sujeitos sob um preceito racial se sobrepuseram a outros condicionando a esse “outro” o lugar do silêncio. Kilomba (2019), por meio de um estudo das condições amplas de produção do discurso colonial, atesta que para o sujeito preto/a escravizado/a o silêncio era condicionado sob tortura. A autora discute sobre a “máscara de Anastácia” mostrando que por meio de um objeto de silenciamento, uma máscara de ferro colocada sobre a boca, o sujeito escravizado/a era colocado/a no espaço do não dizer, da mudez.

Além disso, a máscara não trazia consigo apenas os sentidos evocado pelo silêncio, mas, também, sentidos de cumprimento dos interesses coloniais. Ela era um instrumento que também servia para evitar que os/as africanos/as escravizados/as comessem os frutos das plantações, pois “ fantasia-se que o *sujeito negro* quer possuir algo que pertence ao *senhor branco*: os frutos, a cana-de-açúcar e os grãos de cacau” (KILOMBA, 2019, p.34). Assim, a “máscara do silenciamento” discutida por Kilomba (2019) demarca um imaginário no qual o/a preto/a é apresentado/a como um sujeito que não tem o direito da fala, pois, pelo seu dizer, pelo uso de sua boca, pode dissolver aquilo que o “mundo conceitual branco” (KILOMBA, 2019) fantasia como sendo proprietário.

É nesse mundo das fantasias brancas, tal qual discutido por Kilomba (2019), que encontramos os sentidos que atravessam os sujeitos brancos e negros em sociedades coloniais como é o caso do Brasil, por exemplo. Essas fantasias pressupõem que os corpos brancos e pretos apresentam dissemelhanças entre si. Porém, essas diferenças partem de uma determinação do imaginário branco, pois, nesse imaginário, o sujeito preto é sempre colocado no lugar do “outro” que o determina como sendo tudo aquilo que o branco nunca será. Por isso, Fanon (2008) afirma não poder ir ao cinema, pois o que se espera socio-historicamente é que seu corpo não frequente um cinema para assistir a filmes, mas para trabalhar naquele espaço. A nocividade desse imaginário que comporta as fantasias brancas, de acordo com Kliomba (2019), sempre espera que sujeitos pretos/as sejam tudo aquilo que eles não são e que sejam sempre, conforme salienta Fanon (2008), os/as serviçais, os/as selvagens, os/as criminosos/as, assassinos/as e traficantes.

Esse imaginário faz parte do que Almeida (2018) chama de etiqueta racial. É ela que determina as características de uma raça e, conseqüentemente, as posições sociais dos sujeitos, suas formações discursivas, que são historicamente determinadas; é ela, também, que, tomando a palavra de forma denotativa, etiqueta os sujeitos, marca eles com relação a classe, raça, gênero etc. Essa etiqueta diz respeito às características físicas que marcam os sujeitos e que constituem suas marcas de identidade, marcas estas que dizem muito sobre os espaços em que dados corpos transitam e produzem significações.

Almeida (2018), fala também sobre essa etiqueta ser um marcador do apagamento do ser negro, tendo em vista a predominância dos ideais do colonizador. Ou seja, em uma sociedade em que o branco é tido como o válido, o ideal, quanto mais o negro se aproximar dos padrões brancos de ser, mais branco ele irá se tornar. Assim, mais silenciados serão os aspectos que marcam suas características identitárias, pois a busca é pelo que a sociedade impõe como aceitável e não pelo que se constitui como uma marca singular, ancestral. É por isso que atualmente se fala, majoritariamente, no que é do dominador do que no que é do dominado.

Essa hierarquização histórica de sujeitos brancos/as e pretos/as é o mote condutor de uma sociedade pautada em preceitos racistas que estabelecem sentidos sobre o que se espera ou não de um corpo a partir do pressuposto racial, tal qual afirmado acima através de Fanon (2008). Em uma sociedade, tal qual o Brasil, em que o racismo é sempre estrutural (ALMEIDA, 2018), as relações políticas, jurídicas, econômicas e institucionais vão participar do jogo das formações

imaginárias (PÊCHEUX, 2014) que constituem as imagens que (in)significam os corpos pretos no Brasil.

3.2. Um corpo (in)significado pelo racismo

Conforme destaca Almeida (2018), é por permear as relações sociais e se manifestar de forma individual, institucional e estrutural que o racismo participa do processo de (in)significação da imagem atrelada, no jogo das formações imaginárias, aos corpos pretos, entendendo a imagem, aqui, não apenas como mero recurso não verbal, mas sim, em consonância com Orlandi (2017), como discurso.

Para tanto, é mediante práticas de discriminação e exploração de corpos historicamente marginalizados e sucateados por discursos excludentes pautados numa formação discursiva biológica, que se constrói um conjunto de imagens que corroboram os sentidos pejorativos que interpelam os corpos dos sujeitos pretos. Essa manifestação de aversão por vidas que não seguem uma regularidade imposta (de forma ostensiva), se materializa como preconceito, no caso da afetação desse preconceito nos corpos negros, é possível falar em racismo. Entende-se, a partir Almeida (2018, p.25), racismo como

a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo, afirma, fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para produção das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea

Assumir o racismo como uma manifestação social e não como um fenômeno patológico é corroborar a noção ensejada por Orlandi (2015) de que os sentidos não nascem com os sujeitos e, por conseguinte, os sujeitos não são donos dos sentidos -apesar de esquecerem-se disso. Por isso, não nascemos racistas, misóginos, homofóbicos, xenofóbicos vamos, ao longo da vida, nos identificando com os sentidos de dadas formações discursivas e vamos, por meio da ideologia e do estado, nos individuando, conforme salienta Orlandi (2017), e nos inscrevendo em dadas posições sujeito discursivas.

Nesse sentido, o racismo está presente nas relações sociais cotidianas, institucionais. Ele se materializa em diferentes discursos e pode ser, de acordo com Almeida (2018, p.33) “tanto evidente como dissimulado”. Segundo o autor, o racismo pode se apresentar de forma explícita, concepção individualista, ou de forma implícita, concepção institucional. Essas concepções se referem as diferentes formas de acontecimentos do racismo na sociedade, tendo em vista que é necessário, de antemão, tomar o racismo como estrutural, ou seja, como algo que “integra a organização econômica e política da sociedade de forma inescapável” (ALMEIDA, 2018, p.25). Porém, Moreira (2019), afirma que a forma explícita de manifestação do racismo já não é mais tão frequente atualmente quanto era no período escravocrata, pois “[...]atos abertamente racistas são reprovados pela moralidade pública no mundo atual”.

Compreender o racismo como estrutural, conforme salienta a tese de Almeida (2018), é entender que ele se localiza nas bases de constituição da nação brasileira. Portanto, todas as relações sociais, constituídas dentro ou fora das instituições, estão, em alguma medida, sustentadas pelo racismo, pois ele “[...]é uma decorrência da própria estrutura social” (ALMEIDA, 2018, p.38). Mas o racismo se apresenta em diferentes espaços discursivos e, portanto, produz diferentes efeitos. Almeida (2018) ao apresentar as concepções de racismo salienta que elas se referem a como o racismo interpela os sujeitos e causa as reações que reproduzem o preconceito sobre as vidas negras modificando seus comportamentos, afetando seus corpos. Essas reações são possíveis, porque o racismo “[...] aparece como um ato intencional e arbitrário de um indivíduo em relação a outro, ação baseada em julgamentos negativos sobre os membros de outro grupo racial” (MOREIRA, 2019, p.27).

Entretanto, o corpo pensado pela teoria da Análise de discurso não se refere a um organismo tangível, real. Por isso, é possível pensar que o racismo (in)significa o sujeito preto de duas formas: pela carne e pelo corpo. Ambos os termos podem, numa leitura superficial, significar a mesma coisa, porém não são. De acordo com Souza (2010), a carne se refere ao físico, e o corpo a forma assumida pela carne no discurso. Para o autor, a carne passa por um processo de *discursivização da carne* no qual é (re)significado pela língua, linguagem, história e ideologia. Por isso, para Souza (2010) quando pensamos em corpo estamos pensando em outras formas de imaginar, esperar, erguer, administrar a carne, estamos pensando em *corpodiscurso*.

Afinal, é a partir do corpo que vamos compreender as diferentes formas de constituição do sujeito por meio dessa materialidade, pois, conforme salienta Orlandi (2017), o sujeito é a materialidade do corpo e vice-versa. É pelo corpodiscurso preto que é possível verificar os sentidos na/da história que constituem imagens que (in)significam a sua existência e que são sustentadas por uma formação discursiva racista. Isso porque, de acordo com Orlandi (2017), por mais que os sentidos e os sujeitos pareçam estar sempre já lá, na verdade, eles são, por meio de um efeito ideológico, produzidos. É por isso, conforme testa Orlandi (2017, p.85), “que se pode dizer que a relação do sujeito com o corpo aparece como transparente, mas não é”.

Nesse sentido, por mais que sujeito e sentido se constituam ao mesmo tempo eles não surgem do nada, por acaso, pois, de acordo com Orlandi (2017, p.92):

Como sabemos nem os sujeitos, nem os corpos, pensando-se a significação, são evidentes. Ainda é sempre a opacidade, a não transparência da linguagem, que se apresenta quando pensamos discursivamente. Ou, dito de outra forma, o corpo da linguagem e o corpo do sujeito não são transparentes. São atravessados de discursividade, efeitos de sentidos constituídos pelo confronto do simbólico com o político em um processo de memória que tem sua forma e funciona ideologicamente.

Por isso, quando pensamos o corpo preto, pensamos um corpo que está imbuído por sentidos já dados, estabelecidos e estabilizados, conforme salienta Orlandi (2017). Esses sentidos criam formulações sobre o seu corpo em diferentes discursos. Por isso, conforme será analisado adiante, o sujeito preto contemporâneo, tendo o seu corpo afetado pela forma histórica capitalista, participa de um processo de desidentificação com sua própria materialidade, ou seja, ele, ao se identificar com a formação discursiva racista que, historicamente, repudia seu corpo, passa a se ajustar aos moldes brancos para se enunciar enquanto sujeito rico no espaço digital.

Esse descontentamento consigo, demonstrado pelo sujeito protagonista dos recortes imagéticos que serão analisados neste trabalho, acontece devido a ligação do corpo do sujeito ao corpo social, de acordo com Orlandi (2017). Assim, sendo a sociedade brasileira construída sobre bases racistas, conforme salienta Almeida (2018) ao definir o racismo também como estrutural, o sujeito preto do material a ser analisado é afetado pelos discursos e instituições que significam seu corpo como um espaço indesejado e, por isso, precisa passar por formulações para “pertencer” ao espaço da riqueza. Esse gesto de contorção para caber em moldes socio-

historicamente significados como superiores acontece, pois, de acordo com Moreira (2019), ao corpo branco foram construídos sentidos de integridade moral, sucesso econômico etc.

Nesse sentido, o corpo desse sujeito passa por um processo de apagamento/silenciamento (ORLANDI, 2007) de suas práticas sociais anteriores, pois elas, historicamente, não agradam a um modelo de sociedade que se pretende ideal. Por isso, o sujeito, para ter seu corpo discursivizado como o corpo de um homem rico, inicia um processo de abandono de suas formas de ler, vestir, pensar. Mas esse procedimento de ajustamento de seu corpo às formas de ser rico acontece num espaço em que as formas de significação do corpo e dos sentidos funcionam de uma maneira diferente, porém já conhecida. Isso porque o espaço digital afeta o sujeito e desestabiliza a (re)produção de sentidos sobre a sua materialidade específica, pois, de acordo com Dias (2016, p.2) “o digital produziu uma mudança na discursividade do mundo”.

3.3. Discurso e sujeito: processo de inscrição no espaço digital

Essa mudança, segundo Dias (2018), é possível, pois o início do século XXI apresenta uma “efervescência tecnológica” que trouxe outras possibilidades para a humanidade (se) significar. Nossa discussão sobre o corpo, mais especificamente o corpo preto, recai no digital sob outros moldes, pois, de acordo com a autora, o sujeito se inscreve na materialidade digital para significar(-se) de forma distinta. Esse deslizamento na produção de sentidos possibilitado pelo espaço digital só é possível a partir de sua inscrição na língua(linguagem), na história, na ideologia, pois a partir disso o digital passa a ser compreendido não como um espaço fechado em si mesmo, mas sim, como algo, de acordo com Dias (2016, p.3-4)

que desloca o modo de significação, produzindo uma forma material outra, porque inscreve o dizer, o fazer, as práticas dos sujeitos, em outras condições de produção, afetada por outras instituições, como as corporações do tipo Google ou Microsoft, garantindo o funcionamento da máquina ideológica por meio das relações de poder e de produção-reprodução do trabalho.

É por meio dessas “outras condições de produção” que possibilitam uma deriva na inscrição dos sentidos e do corpo, de acordo com a autora, que pensaremos as formas de significação do corpo preto no espaço digital ou, conforme aponta Salles (2018), do corpo em performance. A performance, segundo o autor, pressupõe sentidos que estão para além do corpo, pois quando pensamos nessa noção estamos refletindo não sobre o que o corpo do sujeito é, mas onde o corpo preto, nesse caso, está, que território ele ocupa. Assim, problematizar a passagem do corpo ao espaço digital (DIAS, 2016; 2018) e pensar o território de sua performance (SALLES, 2018) são algumas de nossas preocupações.

A partir da perspectiva de funcionamento do digital cunhada por Dias (2018), é possível pensar que esse espaço faz parte da “inauguração de um novo campo de questões” (ORLANDI, 2017, p.43), pois se insere numa conjuntura histórica que amplia o campo de atuação da Análise de Discurso. E pensar o digital é, bem como vimos acima, trabalhar com uma gama de questões que situam o objeto teórico (o discurso) da Análise de Discurso em um território que expande suas formas de funcionamento e o inscreve em diferentes processos de significação.

É no interior do digital que podemos, de acordo com Dias (2021; 2018) investigar as diferentes formas históricas de significação. Além disso, a autora discute sobre como essas formas históricas de significação se relacionam com a memória. Para pensar a relação do digital com a memória, Dias (2021; 2018), recorre ao conceito de memória metálica ensejado por Orlandi (2006). Esse conceito pressupõe uma memória repetível que participa de uma rede de filiações horizontais que não saem do eixo da formulação, que se refere ao intradiscurso, ao que é dito em um contexto imediato sob dadas condições. Nesse sentido, é a partir da formulação de Orlandi (2006) sobre memória metálica que Dias (2021; 2018) vai pensar a memória digital.

A memória digital, conforme explica a autora, também está no eixo da formulação e, portanto, também participa dessa rede de filiações horizontais da qual fala Orlandi (2006). Porém, a memória digital não permanece no campo do repetível, pois ela toca no eixo interdiscurso para constituir uma linha de fuga ao mesmo, ao repetível. Ou seja, a memória digital, por mais que funcione pela máquina, não (se) significa pelo repetível, pois dialoga com discursos anteriores, com a história e com os sujeitos. Assim, é por meio dessa fuga ao repetível que podemos pensar que o discurso digital não está preso à máquina que lhe serve de suporte,

pois ele participa de uma rede de filiações que é discursiva, portanto, que produz diferentes efeitos, pois, conforme salienta Dias (2018, p.105)

A memória digital seria, pois, o lugar da contradição, onde a memória escapa à estrutura totalizante da máquina (memória metálica), saindo do espaço da repetição forma e se inscreve no funcionamento do interdiscurso (memória discursiva).

Além disso, dentro do espaço digital também há uma mudança nas formas de significação do racismo. Essa alteração é possível, pois Moreira (2019) salienta que o racismo pode assumir diferentes formas em espaços e momentos históricos distintos. Portanto, compreendendo a “efervescência tecnológica” do século atual e suas modificações nas formas de discursivização do sujeito e dos sentidos, compreendemos que o atual momento histórico e o acontecimento do digital também provocaram mudanças nas formas históricas de manifestação do racismo.

A relação dos sujeitos com a tecnologia, com o digital é construída por meio de um elo entre o sujeito e a máquina (DIAS, 2018). Esse elo é resultado da forma que o sujeito se relaciona com o digital e das informações que ele/a compartilha nas redes. Por isso, de acordo com Dias (2018), o digital se constitui como repositório de dados sobre cada sujeito ou, nas palavras da autora, como *memória como arquivo*. Pensar que o digital tem uma memória para além do sistema lógico-matemático que o constitui, segundo a autora, é compreender que as informações arquivadas no/pelo digital são dadas pelos sujeitos. Em consequente, essas informações comportam uma série de preferências e “escolhas” socio-históricas e ideológicas que se referem a inscrição dos sujeitos em diferentes formações discursivas/ideológicas e, também, a forma sujeito histórica atual. Essa coerência entre a máquina e o usuário acontece pois o digital “[...]vai se configurando às necessidades, anseios, dúvidas do usuário” (DIAS, 2018, p.75).

Orlandi (2017), ao tratar da noção de forma sujeito, ressalta o seu caráter de correspondência ao momento histórico de seu acontecimento. Ou seja, a forma sujeito histórica medieval não é mesma da contemporaneidade. Além disso, a constituição da forma sujeito passa por um processo que parte da interpelação do indivíduo em sujeito até a sua individu(aliz)ação. O processo de individu(aliz)ação do sujeito, conforme salienta Orlandi (2017), acontece por meio do estado e das instituições. Nesse sentido, a forma sujeito histórica

atual comporta um sujeito capitalista e dotado de direitos e deveres. Quando individuado o sujeito vai se identificar (ou não) com dadas formações discursivas.

Compreender, mesmo que de forma sintética, o processo de individu(aliz)ação do sujeito pelo estado e instituições, nos ajuda a situar o digital enquanto participante desse processo, pois, conforme salienta Dias (2018, p.74) “[...]o modo de individuação do sujeito capitalista, pelo discurso da tecnologia, produz efeitos nos processos de identificação, na produção dos sentidos”. Nesse sentido, pensar como o digital significa o corpo preto é de grande relevância. Couceiro de Lima (2001) chama a atenção para a forma que o discurso digital televisivo coloca o corpo preto em performance no território das telenovelas da rede Globo.

A autora destaca que atores e atrizes negros/as não assumiam papéis de protagonismo narrativo e sempre eram colocados/as para dramatizar a faxineira, o motorista, o jardineiro, moradores de periferia. Esses papéis sociais atribuídos a personagens negros/as participam de um imaginário, do qual fala Fanon (2008), que situa o corpo preto em espaços discursivos de subalternidade. Assim, a forma que esse imaginário é transportado para o espaço digital corrobora não apenas os equívocos do imaginário acerca de homens e mulheres pretos/as, mas também a inscrição dos sujeitos roteiristas e produtores de telenovelas em uma formação discursiva racista que reserva para sujeitos pretos espaços de não protagonismo. Pois, conforme ressalta Couceiro de Lima (2001, p.4), “[...]a mídia absorve o racismo vigente na sociedade brasileira, ou seja, esse racismo que ela mesma denominou cordial e que tão bem é incorporado nos produtos que veicula”.

Além disso, Couceiro de Lima (2001) salienta o papel de reprodutora da realidade social tal qual ela é que o discurso digital televisivo comporta no imaginário que o constitui. Segundo a autora, a mídia funciona como um espaço no qual a realidade é retratada de forma fidedigna, portanto, nesse imaginário, se o sujeito preto/a está sendo dramatizado como o motorista, a faxineira, o bandido é porque a realidade social desses sujeitos é essa. Esse discurso roteirizado participa do já dito sobre o sujeito preto historicamente, dos sentidos estabilizados ideologicamente, tal como salienta Orlandi (2017).

São esses sentidos de inferioridade e de pertencimento a lugares sociais marginalizados pela sociedade brasileira, que levam o sujeito em cena do material analisado neste trabalho a não se identificar com o espaço social reservado para si por um imaginário falacioso forjado

sócio-histórica e ideologicamente sobre seu corpo, sua existência. Entretanto, essa desidentificação não se situa num campo de resistência, mas numa perspectiva discursiva que apaga seu corpo e sua identidade para se ajustar aos moldes da formação discursiva que rejeita sua existência.

4. ANÁLISES

4.1. Gestos de leitura, interpretação e procedimento teórico-analítico

A Análise de Discurso fundamentada em Pêcheux e Orlandi problematiza o funcionamento dos sentidos em diferentes materiais significantes, conforme salienta Orlandi (2007). Porém, trabalhar com os sentidos, de acordo com a estudiosa, não implica seguir uma metodologia já dada ou um caminho analítico repetível, pois “o sentido está (sempre) em curso” (ORLANDI, 2007, p. 11). Mas isso não quer dizer que a teoria não possua um constructo teórico passível de uso.

Orlandi (2015) nos apresenta o dispositivo teórico da Análise de Discurso que nos possibilita pensar questões pertinentes às especificidades da teoria. Mas esse dispositivo teórico, alerta a autora, não é usado da mesma forma por todo analista, pois as formas de inscrição do sujeito analista na língua, na história, na ideologia afetam suas formas de uso desse dispositivo. Por isso, na Análise de Discurso, o processo analítico não é pensado apenas pela mobilização das noções teóricas, o olhar do analista sobre o texto, seus gestos de leitura e interpretação também são inseridos nesse processo de observação dos sentidos em materiais distintos.

A partir dessa compreensão de procedimento do analista com o material discursivo, Orlandi (2006) acentua a importância do trabalho e do entendimento do texto e de sua inscrição na perspectiva discursiva. O texto, segundo a autora, não deve ser tomado como um constructo de ideias que precisam ser decifradas por seus leitores. Pelo contrário, frisa a estudiosa, o texto deve ser compreendido em sua discursividade. Assim, pensar o texto pelo viés discursivo, significa situá-lo em suas condições amplas e estritas de existência; a sua exterioridade.

Ademais, o texto não traz sentidos já constituídos, prontos como pensa a Análise de Conteúdo. Pelo contrário, o texto, na perspectiva que o compreendemos funciona como um espaço de abertura para o analista pensar, afirma Orlandi (2006, p.18), “[...]o modo como os sentidos se constituem”.

Nesse sentido, segundo Orlandi (2007), não é a organização do texto que interessa ao analista de discurso, mas sim a forma que a discursividade de um dado material é “administrada” no texto a partir de sua relação com a exterioridade constitutiva de si, com o interdiscurso. Por isso, Orlandi (2006) orienta que as análises sejam feitas visando alcançar o processo discursivo, a de-superficialização do material em análise. É nessa perspectiva que buscamos proceder em nossas análises buscando verificar o funcionamento da discursivização da posição sujeito preto rico e seus sentidos “administrados” no espaço digital.

Para isso, buscamos pensar a posição sujeito em jogo no escopo das condições estritas de produção do discurso e das formações imaginárias refletindo não apenas no discurso do sujeito protagonista do vídeo sobre si e seu lugar social, mas também sobre as imagens que esse sujeito faz de seus “seguidores”. Em consequente, intentamos pensar os sentidos acerca do corpo preto significado na/pela materialidade digital pensando seus dizeres e não dizeres possibilitados pelos limites da formação discursiva/ideológica com a qual ele se identifica.

Ademais, consideramos que nossas análises representam o nosso gesto de leitura e interpretação do material e que, este mesmo corpus, pode significar de outras maneiras para outros/as analistas que mobilizem o dispositivo teórico da Análise de Discurso de outra forma a partir de suas inscrições no simbólico constitutivo do sentido, conforme frisa Orlandi (2015).

4.2. Discurso em análise: o corpo do sujeito atado ao espaço digital

O material que compõe o corpus analítico deste trabalho é um vídeo que circula na plataforma digital YouTube intitulado *como um preto pode ficar rico no Brasil*. No vídeo, postado no canal *Tiago Fonseca*, com um número de inscritos que ultrapassa os 2 milhões, acompanhamos um jogo discursivo constituído de linguagem verbal e não verbal. Esse jogo do dizer e da imagem contribui para corroborar os sentidos do tema do vídeo. Em cena, vemos um

sujeito, autodeclarado preto, que alerta sobre o conteúdo do vídeo ser exclusivamente para “os preto”, “os negão”. A partir da ressalva, compreendemos que todo o jogo discursivo que seguirá coloca apenas “os preto” em performance (SALLES, 2018), porém, apenas por meio do que será dito, mostrado e não dito pelo sujeito que “administra” os sentidos em seu discurso.

Esse jogo discursivo que coloca em cena um sujeito preto falando a partir de suas experiências de vida como outros sujeitos pretos podem ser ricos, dialoga com os cenários e objetos em cena no território discursivo digital que constitui a narratividade (SALLES; COSTA, 2016) do vídeo. Vale ressaltar que, ao apresentar um tutorial de como um preto pode ficar rico no Brasil, o sujeito que constrói a sequência discursiva do tutorial afirma estar situado no lugar social de rico. Assim, seu lugar social passa a ser usado como uma forma de legitimação do que será dito, ou, nas palavras do sujeito em cena “se eu consegui, você também consegue”. No recorte abaixo podemos ver como o que está sendo dito se relaciona com o que está sendo mostrado.

Recorte 1:



Ao passo que o sujeito vai apresentando a proposta do vídeo, o cenário participa do seu dizer como uma forma de validar o que está sendo dito. Ou seja, se ele pretende ensinar o passo a passo de como um preto pode enriquecer no Brasil, ele, primeiro, precisa validar a sua posição de sujeito preto rico para que o seu discurso tenha validade para o “outro”. Afinal, o imaginário que significa sujeitos ricos no Brasil comporta uma série de imagens e discursos que corroboram essa posição sujeito. Por isso, no vídeo, apenas o dizer não valida o discurso do sujeito protagonista, então o enquadramento da câmera que captura a mansão como plano de

fundo funciona como um mecanismo de legitimação do dizer. Ou seja, se ele tem uma mansão, ele é rico, portanto, ele pode falar sobre riqueza e ensinar as formas de alcançar a riqueza.

Orlandi (2007) afirma que o processo de significação é aberto, mas é regido, administrado. Nesse sentido, se considerarmos que o sujeito em cena, apresentado no recorte acima, é o condutor do enredo visual, ou seja, conduz a câmera e seus ângulos, passamos a enxergar os enquadramentos do vídeo como não inocentes, pois são “escolhas” feitas pelo sujeito em cena para corroborar seus dizeres. Pois, enquanto o sujeito grava e é gravado por si, conforme argumenta Salles e Costa(2016), ele forja um duplo enquadramento que significa o espaço e a performatividade de seu corpo, pois ao mesmo tempo que o sujeito se mostra e é mostrado ele vai atando o seu corpo às condições de produção de sua inscrição na materialidade digital.

É no/pelo digital, de acordo com Dias (2018), que o sujeito se inscreve na língua(gem) de formas diferentes. Se pensarmos o sujeito em cena no primeiro recorte apresentado, seu corpo e seu nome se inscrevem no espaço digital não para referir sua identidade, mas para demarcar o seu lugar de influenciador digital. Pois o vídeo em questão não possui um cunho educacional ou de entretenimento, mas é um recurso produtor de lucro para o sujeito em cena.

4.3. A imagem que A faz de B: o jogo das formações imaginárias

Todo processo discursivo, afirma Pêcheux (2014), tem existência nas formações imaginárias. São as formações imaginárias que projetam no discurso imagens que significam os sujeitos e seus lugares sociais. Por isso, salienta o estudioso, falar em patrão e funcionário, professor e aluno significa de maneiras distintas, pois cada uma dessas posições sujeito se inscrevem em lugares sociais que comporta imagens específicas para cada uma delas. Ademais, as formações imaginárias participam de um jogo que “brinca” com as imagens que significam os lugares sociais.

Segundo Orlandi (2006), o sujeito da Análise de Discurso não é empírico, mas uma posição sujeito discursiva colocada em suspenso pelas formações imaginárias. Nesse sentido, quando pensamos em sujeito estamos situados no campo do simbólico que produz imagens

acerca desse sujeito e de seu lugar social. Nesse jogo das formações imaginárias, conforme destaca a autora, temos, a princípio: a imagem que o sujeito faz dele mesmo; a imagem que ele faz de seu interlocutor e a imagem que ele faz do objeto do discurso.

A partir desse jogo das formações imaginárias, explicitado por Orlandi (2006) e Pêcheux (2014), nos dedicamos a pensar, por meio de dizeres do sujeito em cena no material analisado, sobre a imagem que esse sujeito faz dele mesmo e que imagem ele faz de seu interlocutor. Afinal, essas imagens participam de relações de sentido e de força que compreendem o lugar social de quem fala e de sobre quem se fala, pois quando o protagonista do vídeo se movimenta, nas palavras de Pêcheux (2014), ele faz a imagem do seu próprio lugar e do lugar do outro. Assim, observemos o funcionamento desse jogo a partir do recorte a seguir.

Recorte 2:



A estrutura narrativa do vídeo sempre acontece assim, como mostrado na imagem: o sujeito em cena se coloca no centro do vídeo para que sua imagem e sua voz, além do cenário projetado ao fundo, sejam protagonistas desse enredo de significações. Como dito anteriormente, o sujeito busca provocar um convencimento ao seu dizer, legitimá-lo, pois o “outro” precisa se identificar com seu discurso para ser interpelado pela ideologia atravessada nele. Para isso, o sujeito A (protagonista da narrativa), por meio de um enquadramento fechado e um fundo desfocado, nesse caso, coloca em performance as expressões. O olhar sempre fixo na câmera passa uma ideia de conversa “cara a cara”, “olho no olho”. As sobrancelhas arqueadas trazem um tom de seriedade para a face do sujeito provocando a ideia de que ele é uma pessoa séria e, portanto, seu dizer deve ser tomado na mesma medida.

Mas não devemos tomar essas construções como algo espontâneo e inocente, como se realmente estivéssemos em uma conversa cara a cara com sujeito do vídeo. Seu discurso, vale salientar, está sendo mediado pelo digital e está situado nesse espaço que provoca, de acordo com Dias (2018), mudanças nos processos de significação. Portanto, ao contrário de uma conversa realizada no espaço social físico, pelo digital as escolhas do que mostrar e do que dizer passam a ser “menos espontâneas”. Nesse momento do vídeo, observamos vários cortes na continuidade do dizer desse sujeito. Ou seja, para dizer o que está posto no vídeo ele recortou outros dizeres. Nesse sentido, entre o espaço vazio de um corte e outro há um silêncio que, segundo Orlandi (2007), sustenta toda possibilidade de dizer.

A linguista salienta que “[...]observar os modos de construção do imaginário necessário na produção de sentido” (ORLANDI, 2007, p.18) é uma das preocupações da Análise de Discurso. Em conformidade com a autora, compreendemos que esses “modos de construção do imaginário” de um sujeito preto rico no Brasil aparecem não apenas nos recortes imagéticos que estamos trazendo, mas nos textos que compõem as cenas mostradas. No recorte 2, por exemplo, observamos dizeres como: “você vai vir de um lugar muito pobre”, “você não vai ter conhecimento porque as escolas públicas não são boas” e “você não quer fazer medicina, você não quer fazer administração, você não quer fazer um curso de faculdade”.

Essas afirmações contribuem para a manutenção do mundo conceitual branco do qual fala Kilomba (2019). Pois nesse “mundo” sentidos de um corpo que não se inscreve nos espaços intelectuais e de riqueza, conforme inferido nos dizeres do sujeito que performativa o/no vídeo, retornam constantemente como sentidos estabilizados pela história e pela memória discursiva. É nessa formação discursiva racista, que produz equívocos sobre o corpo e a inscrição social do sujeito preto/a, que o sujeito do vídeo vai se identificar e reproduzir seus sentidos no espaço digital. Essa identificação do sujeito autodeclarado preto em cena no vídeo, acontece, pois, de acordo com Kilomba (2019), o sujeito negro/a, historicamente, sempre foi forçado a ser diferente por causa da presença alienante do “outro”. Ou seja, o branco, mediante as considerações históricas trazidas no estudo das condições amplas de produção do discurso racista (primeira parte deste trabalho), sempre foi tomado como o ideal, como o padr(onizador)ão.

Por isso, ao falar do lugar social de seu interlocutor, compreendido como “os negão”, o sujeito no centro do dizer projeta uma imagem sobre si a partir do momento que fala sobre o

outro, bem como nos trouxe Pêcheux (2014). Mas essas imagens que performatizam em nossa memória discursiva, inscrevem o público consumidor do conteúdo digital no lugar da subalternidade, da não riqueza. Não podemos esquecer que a proposta global do vídeo é apresentar um tutorial que possibilite formas de como um preto pode ficar rico no Brasil. Portanto, nesse momento, nos dedicaremos a apresentar um recorte desse tutorial, que é, na verdade, a terceira etapa do processo.

4.4. Efeitos de sentido sobre a materialidade do sujeito: corpodiscurso

O sujeito em cena carrega um imaginário sobre o seu interlocutor. Primeiro, ao nomear ele de “os negão” ele já inscreve esse “outro” num corpo masculino, apagando o feminino, por exemplo. Além disso, ele situa o interlocutor numa condição social de não intelectualidade ao afirmar que ele não vai ter conhecimento por causa da precariedade da rede pública brasileira de ensino, como também não será rico, pois, na visão do enunciador, seu público virá de um lugar muito pobre. Ademais, por mais que o sujeito que protagoniza o dizer tenha um amplo número de seguidores, seu dizer não carrega marcas linguísticas de pluralidade. O uso do pronome pessoal “você”, lexicalizado pelos falantes do português brasileiro como um substituto do “tu” (ANTUNES, 2012), está posto no singular. Esse recurso morfossintático reforça a intenção do sujeito de estabelecer uma “conversa” com seu público, algo mais particular.

Nessa conversa mediada pelo espaço digital, o sujeito em cena busca causar uma mudança na vida de seu público ensinando os métodos de transformação de suas preferências literárias e estéticas, por exemplo, que levará seu público a se aproximar com mais facilidade da formação discursiva da riqueza. Uma das justificativas usadas pelo sujeito para convencer seu público a seguir o tutorial apresentado é o preconceito que afeta os corpos pretos na sociedade brasileira. Ele afirma que o mundo possui regras e que “não adianta bater de frente”. No silêncio que atravessa seu dizer (ORLANDI, 2007) o sujeito movimenta sentidos de assujeitamento ao discurso racista que (in)significa sua existência ao buscar se ajustar a ele, adaptar a sua identidade visando eufemizar o preconceito.

Esse processo de identificação com uma formação discursiva que aliena sua existência acontece, segundo Munanga (2015), mediante a exaltação ao modo de vida europeu. Pois em

uma sociedade cuja forma de vida do colonizador é tomada como válida, os sujeitos pretos começam a ser interpelados por esses discursos de superioridade branca e passam a buscar meios de se ajustar ao modo de vida deixado no Brasil pelos países europeus que invadiram esse território. De acordo com Munanga (2015, p.28) “[...]para chegar a isso, pressupunha-se a admiração da cor do outro, o amor ao branco, a aceitação da colonização e a autorrecusa”.

Toda essa recusa aos hábitos culturais destoantes do modo de vida europeu, inscrevem o sujeito em cena no vídeo e seus interlocutores num processo de embranquecimento. Esse embranquecimento é efetivado pela assimilação que o sujeito preto faz com os valores culturais do branco, como afirma Munanga (2015). Ainda segundo o autor, nesse processo de identificação do sujeito com uma formação discursiva alienante (racista), o sujeito vai modificar, por exemplo, os seus modos de vestir para que eles se ajustem ao padrão europeu, válido na sociedade. Assim, analisamos o terceiro passo do tutorial do vídeo, pois exemplifica bem esse ajuste ao modo de se vestir imposto pelo discurso colonizador.

Recorte 3:



O sujeito em performance, ainda nesse gesto de estabelecer um diálogo individual com seus interlocutores por meio da marcação singular, afirma existir uma imagem que sustenta uma forma de se vestir que situa o sujeito preto na posição sujeito bandido. Segundo ele, o uso de bonés de abas retas, casacos moletons, bermudas largas e tênis esportivo são os recursos estilísticos que inscrevem o corpo preto na posição de bandido. Para ilustrar o seu dizer, tendo em vista que a imagem é a grande ferramenta que conduz a performance do corpo no vídeo, o

sujeito veste esses acessórios de “bandido” para inserir seu corpo no imaginário de uma posição sujeito invalidada socialmente.

Esse discurso de bandido sustentado pelo uso de recursos estilísticos específicos, de acordo com Orlandi (2015), faz parte de uma memória discursiva/interdiscurso que determina o dizer do sujeito em cena. Segundo Fernandes (2008), após o “fim” da escravidão no Brasil os sujeitos negros/as foram lançados a um modelo de sociedade a qual não estavam familiarizados, devido ao período de extrema violência e privação de cidadania enfrentado. Nesse contexto, eles passaram a ocupar as ruas e esquinas de cidades como o Rio de Janeiro, por exemplo. Mediante essa situação, passaram a sofrer repressão de forças policiais que os nomeava de bandidos, marginais. A partir desse cenário apresentado por Fernandes (2008), compreendemos que esse e outros acontecimentos foram construindo uma série de sentidos que inscreveram/inscrevem os sujeitos pretos no imaginário da marginalidade.

Por isso, para fazer sentido, conforme atesta Orlandi (2015), o dizer/a performance do sujeito em cena se inscreve na história, pois reclama um já dito que significa o corpo preto e sua subjetividade estilística num espaço discursivo de marginalidade mediante o uso dos acessórios apresentados. Assim, o sujeito orienta o abandono desse modo de vestir, pois se mostra condescendente com o discurso do colonizador de que a estética mostrada não condiz com o espaço que deseja ocupar. Nesse sentido, o corpo do sujeito em cena é usado como instrumento de convencimento, pois intenta alienar o seu público provocando sentidos de que toda forma de existência preta, bem como todo traço de subjetividade, de acordo com Munanga (2015), precisa se ajustar à ideologia que engessa suas múltiplas existências.

Nesse processo de alienação de si e do “outro”, o sujeito em cena no vídeo é afetado pelo esquecimento ideológico (esquecimento número 1), segundo Orlandi (2015), e esquece que é tocado por uma ideologia que retoma sentidos constituídos em condições de produção anteriores. Assim, o sujeito, afetado pela ideologia, compreende seu dizer como verdade, como única possibilidade de significação. Esquece, também, que o seu dizer está inserido no interior de uma formação discursiva que controla o que pode e deve ser dito e/ou não dito. O sujeito, conforme salienta Orlandi (2015), esquece que os sentidos não são da ordem de nossos desejos.

É mediante a identificação do sujeito em cena com a formação discursiva/ideológica do colonizador, que dizeres como “você precisa, urgentemente, mudar as roupas que você usa”

emergem. A partir desse dizer, sintoma da inscrição do sujeito na formação discursiva que possibilita o emprego de tais palavras, observamos que o sujeito é bem enfático quanto ao que o seu público precisa fazer. O uso do verbo “precisar”, seguido do modificador “urgentemente”, sugere que as roupas usadas pelos seguidores do canal não se adequam ao lugar que se almeja chegar. Ao usar tais recursos linguísticos, o sujeito que conduz a narrativa do vídeo projeta uma imagem sobre seus “seguidores”, ao passo que rejeita sua forma de vestir, portanto, rejeita algo que constitui sua singularidade.

Além de olhar para os adereços que devem ser abandonados nesse processo de identificação com o modo de vida do colonizador, o protagonista do vídeo passa a significar também as cores desses recursos estilísticos. Segundo ele, peças muito coloridas e chamativas não enobrecem o corpo e não condizem com o lugar almejado. Por isso sugere o uso de tons neutros, enfaticamente para o uso da cor preta. Segundo o condutor do discurso em performance, a cor preta projeta uma imagem séria e importante, por isso deve ser predominante no uso cotidiano formal e/ou informal. No recorte a seguir, observamos o funcionamento dos sentidos sobre a cor preta, discutidos no vídeo, e seus efeitos de sentido quando associada à pele e às roupas.

Recorte 4:



A consideração feita pelo sujeito do vídeo sobre a cor preta ser sinônimo de seriedade e luxuosidade, nos remete à conceituação de discurso em Pêcheux e Orlandi. Para os teóricos, “o discurso é efeito de sentido entre locutores” (ORLANDI, 2015, p.20). A partir dessa conceituação, compreendemos que diferentes materiais discursivos vão significar de diferentes

formas para sujeitos inscritos em condições de produção distintas. Assim, é por meio dessa noção de discurso que o sujeito do vídeo olha para a cor preta e significa-a de maneiras diferentes quando observada no corpo e em peças de roupas.

Na pele, conforme já foi discutido, os sentidos da cor preta retornam de forma parafrástica por meio de uma memória discursiva que inscreve sujeitos pretos numa posição discursiva de inferioridade social e racial, mediante estabilizações históricas de sentido engendradas em condições de produção amplas (ORLANDI, 2017). Já nas peças de roupas, apresentadas no recorte acima, a cor preta está atravessada de sentidos que enobrecem o sujeito que “escolhe” usar esse tipo de recurso estilístico. Além disso, da forma que a câmera é posicionada não conseguimos visualizar a cabeça do sujeito, portanto, nesse caso, diferente dos demais recortes, a ênfase não está para as expressões, mas para as roupas que estão sendo mostradas e a valorização da cor preta em recursos estilísticos específicos. Por meio desses diferentes funcionamentos de sentido acerca da cor preta, vemos os sentidos sendo “administrados” pelo discurso que constitui uma formação discursiva racista que repudia o sujeito preto, mas enobrece a cor preta.

Mediante os gestos analíticos mobilizados neste trabalho, compreendemos que, em consonância com Orlandi (2017, p. 85), “O sujeito e os sentidos, embora pareçam estar sempre lá, também são produzidos, isto é efeito da ideologia em sua materialidade”. Assim, o sujeito autodeclarado preto em cena no vídeo analisado, afetado pela ideologia que atravessa a formação discursiva do colonizador, vai (in)significando seu corpo e o corpo de seu público, pois participa de um processo, um tutorial, no qual recusa suas preferências estilísticas (no caso do recorte analisado que contempla o terceiro passo do tutorial) ao passo que se identifica e se inscreve numa formação discursiva que invalida sua forma de existência e contribui para o apagamento de suas potencialidades ancestrais e culturais.

A forma que o sujeito do vídeo modifica sua forma de vida e estilo para se ajustar aos moldes socialmente impostos pelo mundo conceitual branco, do qual fala Kilomba (2019), para pertencer ao lugar social da riqueza, é sintoma de uma memória discursiva, constituída desde a colonização, que reserva para os sujeitos pretos lugares de não intelectualidade e anula suas possibilidades de ascensão social. Essa memória, contribui para a (in)significação do corpo do sujeito preto, pois, de acordo com Orlandi (2017, p.92) “Assim como as nossas palavras, nosso

corpo já vem sendo significado, antes mesmo que não o tenhamos, conscientemente, significado”.

É essa memória discursiva que insiste em retornar para provocar a ilusão de que as imagens que performatizam em seu discurso consistem em verdades absolutas. É, também, essa memória que provoca a autorrecusa da qual fala Munanga (2015). Os sujeitos (homens e mulheres) pretos/as são levados a acreditar que a única possibilidade de escapar do racismo e inscrever seus corpos em posições discursivas destoantes da que emerge com a memória discursiva racista, é “ajustar” seus corpos e seus comportamentos culturais ao que a sociedade discursiviza como “válido”.

5. CONSIDERAÇÕES

Todo dizer significa. Mas, segundo Orlandi (1984), o dizer não significa de qualquer forma, pois ele se inscreve no interior de relações sócio-históricas que permitem que determinado sujeito diga algo de um jeito e não de outro, para um interlocutor específico. Por isso, os sentidos que são usados pelo sujeito em cena no material analisado não são neutros, afinal, estão inscritos em condições de produção sócio-históricas e ideológicas constituída de já ditos que retornam na forma de pré-construídos para situar o corpo preto em um espaço de dizeres pejorativos que se repetem para nutrir um modelo de sociedade pautada no racismo estrutural, bem como salienta Almeida (2018).

Nessa perspectiva analítica, questionamos os sentidos que atravessam os recortes imagéticos analisados, pois investigamos, por meio de nosso dispositivo analítico, os sentidos possíveis por meio da compreensão do processo de significação inscrito em dadas condições de produção. Nesse gesto de leitura e interpretação do material, bem como orientado por Orlandi (2007), tomamos o texto como uma unidade de sentidos que está inscrita num contexto histórico, político e ideológico específico que permite os dizeres e não dizeres, bem como o mostrar e não mostrar do sujeito em cena no espaço digital.

Este trabalho representa um olhar atento sobre o funcionamento do discurso racista que invalida e produz equívocos e (des) sentidos sobre vidas negras. É uma crítica ao efeito de

obviedade forjado, a princípio, pelo discurso do descobrimento e reverberado até a contemporaneidade. Na tentativa de produzirmos uma reflexão sobre a sociedade brasileira e suas feridas históricas que produzem sentidos que invalidam as diferentes formas de existência, este trabalho de conclusão de curso apresentou uma análise do processo de (in)significação de corpos pretos no espaço digital por meio da investigação da construção de sentidos acerca desses sujeitos mediante as condições de produção histórico-sociais que, ao longo do tempo, foram disseminando falácias sobre a vida e a cultura preta.

Diante dessa consideração, a pesquisa teve como objetivo geral analisar como os sentidos sobre o corpo preto são “administrados” no discurso produzido no espaço digital por meio de um vídeo intitulado “como um preto pode ficar rico no Brasil”. O objetivo foi sendo trabalhado por meio da compreensão das condições amplas de produção do discurso e das condições estritas referentes ao espaço digital, lugar de materialização do discurso e inscrição do corpo do sujeito em cena no vídeo analisado. Além disso, também buscamos compreender as condições amplas de produção dos sentidos pejorativos que constituem a imagem de sujeitos pretos no Brasil; investigamos como esses (des)sentidos se realizam no espaço digital por meio dos dizeres e das imagens em cena e analisamos o processo de (in)significação de corpos pretos no/pelo digital.

Tais objetivos foram trabalhados a partir dos pressupostos teóricos da Análise de discurso, tal qual constituída por Michel Pêcheux e Eni Orlandi, que assume o discurso como objeto de estudo e compreende sua relação com a linguagem, o histórico e o ideológico, por exemplo, a fim de entender a forma de funcionamento do discurso na produção de sentidos, bem como salienta Orlandi (2015). Além disso, os estudos realizados por intelectuais negros/as sobre raça e racismo, problematizando essas noções como construções sociais que atendem, de acordo com Moreira (2019), aos objetivos sócio-históricos e ideológicos do grupo social dominante, também contribuíram para estudarmos as diferentes interseccionalidades (AKOTIRENE, 2019) que atravessam os corpos pretos na sociedade brasileira.

Ademais, este trabalho foi desenvolvido no interior das discussões produzidas no/pelo grupo de estudos Discurso, Sentido e Sociedade (DISENSO) coordenado pela Prof^a. Dr^a. Débora Massmann. A discussão de textos e a participação de convidados/as especialistas em Análise de Discurso contribuiu grandemente para minha formação como pesquisador iniciante. Foi por meio desse grupo de estudos que pude amadurecer o conhecimento sobre a teoria

materialista do Discurso e sua estrita relação com a linguagem e seu funcionamento em diferentes condições de produção.

6. REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

AZEVEDO, Célia MM. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, v. 2, 1985.

ANTUNES, Irandé. O léxico de uma língua. *In: Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. Parábola Editorial, 2012, p. 27-33.

BALDINI, Lauro José Siqueira; ZOPPI-FONTANA, Mónica Graciela. **A análise do discurso no Brasil**. Décalages, 2013.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise de discurso**. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo negro, 2011.

COUCEIRO DE LIMA, Solange Martins. A personagem negra na telenovela brasileira: alguns momentos. *Revista USP*, São Paulo, n. 48, p. 88-99, dezembro/fevereiro 2000-2001.

DE SOUZA, Levi Leonel. **O discurso encarnado: ou a passagem da carne ao corpodiscurso**. *Entremeios: revista de estudos do discurso*, v. 1, n. 1, 2010.

DIAS, Cristiane. A análise do discurso digital: um campo de questões. **REDISCO**, Vitória da Conquista, v.10, n.2, p. 8-20, 2016.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes Editores, 2018.

DIAS, Cristiane. Discurso, texto e memória: a discursividade digital em análise. Disponível em: <

https://www.youtube.com/watch?v=wWfalT4pHiM&t=4796s&ab_channel=IFSulC%C3%A2mpusPelotas> . Acessado em julho de 2021.

DO BRASIL, Constituição Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasil: Brasília, 1988.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes - Volume 2**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2008.

FONSECA, Tiago. Como um preto pode ficar rico no Brasil. Disponível em: <
https://www.youtube.com/watch?v=jjsKnOvqzNo&t=1045s&ab_channel=TiagoFonseca>.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux. *In*: HAK, Tony; GADET, Françoise. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogó, 2020.

MALDIDIER, Denise. Elementos para uma história da análise do discurso na França. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli. **Gestos de leitura da história no discurso**. 4ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Pólen, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida, n. 3º, p. 1-17, 2004.

MUNANGA, Kebengele. **Negritude: usos e sentidos**. Autêntica, 2015.

ORLANDI, Eni P. Segmentar ou recortar. **Série estudos**, v. 10, p. 9-26, 1984.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A análise de discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil. **Cad.Est.Ling.**, Campinas, (42): 21-40, Jan./Jun. 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12^a ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise do discurso: conversa com Eni Orlandi. **TEIAS**: Rio de Janeiro, ano 7, nº 13-14, jan/dez 2006. Entrevista concedida à Raquel Goulart Barreto.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. 3^a ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5^a ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Nota ao leitor. *In*: PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 7^a ed. Campinas: Pontes Editores, 1990.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à vista- discurso do confronto: velho e novo mundo**. 2^a ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. **Introdução às ciências da linguagem: Discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). *In*: **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5^a ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5^a ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

SALLES, Atilio Catosso. **Corpo em arte: perormance**. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, v.60, n.3, p. 743-757, 2018.

SALLES, Atilio Catosso; COSTA, Greciely Cristina. Recortes e (m) análise: no movimento da narrativa cinematográfica. **RUA**, v. 22, n. 2, p. 553-572, 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.